

## FRIEDRICH NIETZSCHE: OS AFETOS E A CRÍTICA DA MORAL

PAULO ROGÉRIO DA ROSA CORRÊA<sup>1</sup>;  
Dr. LUÍS RUBIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Doutorando em filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – rogeriocorreafil@gmail.com

<sup>2</sup> Professor do departamento de filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – luiseduardorubira@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Uma hierarquia (*Rangordnung*) de afetos (*Affekte*), através de comando e obediência enseja modos de sentir. Essa é a questão que Friedrich Nietzsche parece sugerir ao abordar os afetos ao longo de suas diversas obras. Esse entendimento é possível porque a terminologia nietzschiana refere aos afetos como forte sentimento, impactante carga emocional. Dessa forma, o artigo propõe uma abordagem sobre a relação entre os afetos e a crítica da moral nas obras *Para a Genealogia da moral*, de 1886, e *O Anticristo*, de 1888.

Importa lembrar que a palavra alemã “*Affekt*” têm origem latina *Affectu*, assim como *affectio*, e significa uma alteração no corpo ou no ânimo ligada a forte sentimento ou tonalidade emocional (FONTANIER, 2007, p.15-16). Giacóia chama a atenção para o fato de *Rangordnung* implicar não apenas uma hierarquia entendida enquanto níveis de força, mas também graus, espectros, matizes e gradações (GIACÓIA JR, 2019).

### 2. METODOLOGIA

O trabalho é de cunho bibliográfico e se detém em duas obras de Friedrich Nietzsche: *Para a Genealogia da moral* e *O Anticristo*. Na primeira obra será explorado o parágrafo 15 e na segunda o parágrafo 21.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na discussão sobre as circunstâncias da emergência dos valores morais em *Para a Genealogia da moral* (3ª dissertação, §15) Nietzsche identifica o sacerdote como aquele que habilmente muda a direção dos afetos, favorecendo a valoração de alguns e a submersão de outros numa *Rangordnung* dissonante dos valores nobres.

O sacerdote é aquele que *muda a direção* do ressentimento. Pois todo o sofredor busca instintivamente uma causa para seu sofrimento; mais precisamente, um agente, ainda mais especificamente, um agente *culpado* suscetível de sofrimento – em suma, algo vivo, no qual possa sob algum pretexto descarregar [*entladen*] seus afetos, em ato ou *in effigie* [simbolicamente]: pois a descarga do afeto é para o sofredor a maior tentativa de alívio, de *entorpecimento*, seu involuntariamente narcótico para tormentos de qualquer espécie (NIETZSCHE, 2009).

O sacerdote promove o “*entorpecimento da dor através do afeto*”. O ressentimento é um afeto que tem sua direção mudada de modo a estabelecer uma



hierarquia afetiva. Assim, o ressentimento se torna um afeto de comando, alçado ao primeiro plano para seu combate contra os afetos nobres. A descarga (*entladen*) de afetos acontece através da manipulação dos sofredores que buscam encontrar uma causa para o sofrimento.

Os afetos são “descarregados”, em ato ou simbolicamente, configurando uma espécie de alívio e narcótico para os tormentos que o homem vivencia. O “unguento” e o “bálsamo” que o sacerdote ascético traz é uma atribuição de sentido. Ele dá um sentido à dor e ao sofrimento, mas para atribuir tal sentido tem que encontrar um culpado pela dor. Habilmente aponta para o próprio sofredor como culpado pelo sofrimento que sente. Uma profusão de culpa e má consciência têm início a partir desse perverso artifício. Assim, o sacerdote atua como um feiticeiro e domador de animais de rapina porque transforma o forte em fraco e a força em fraqueza.

Habilmente o sacerdote “descarrega” o ressentimento evitando que o rebanho se dilua de modo explosivo e cumpre tal “tarefa” mudando a direção desse afeto. Como todo sofredor busca instintivamente um agente culpado para seu sofrimento, um alvo vivo, o qual ele possa “descarregar” seus afetos, o sacerdote manipula e favorece essa “descarga”. Esse “extravasamento” funciona a um só tempo como alívio e entorpecimento. Alívio porque momentaneamente retira a dor da consciência. Entorpecimento porque causa uma súbita e violenta emoção.

Em *O Anticristo* (§ 21) Nietzsche vincula diretamente a hierarquia dos elementos fisiológicos à moral cristã. Assim, através das avaliações e dos valores certos instintos são sujeitados ou alçados ao primeiro plano.

No cristianismo, os instintos dos sujeitados e oprimidos vêm ao primeiro plano: são as classes mais baixas que nele buscam sua salvação. Nele a casuística do pecado, a autocrítica, a inquisição da consciência é praticada como ocupação, como remédio para o tédio; nele o afeto em relação a um poderoso, chamado “Deus”, é continuamente sustentado (mediante a oração); nele o mais elevado é visto como inatingível, como dádiva, como “graça” (NIETZSCHE, 2016).

A moral cristã, através de seus valores, estabelece uma hierarquia de instintos fazendo emergir uns e definhando outros. Os instintos que foram “cultivados” e “trazidos” ao primeiro plano foram aqueles que, no entender de Nietzsche, atentam contra a vida, ao passo que os antigos instintos nobres foram subjugados.

Os *Affekte* aparecem como modos de sentir, maneiras de ser profundamente impactado por um forte sentimento. Assim, a culpa pelo pecado e o escrutínio da consciência são praticados como remédio contra o tédio. Contudo, o fármaco atua como entorpecente, pois seu objetivo é sustentar, mediante a oração, o afeto em relação a um poderoso Deus. O afeto foi, dessa forma, habilmente “manipulado” pelo sacerdote de modo a promover um excesso de sentimento, algo que através de forte carga emocional favoreça a graça e a dádiva.

#### 4. CONCLUSÕES

Se há uma aparente inexorabilidade nas dinâmicas afetivas, Nietzsche aponta, ao menos, duas questões importantes. A primeira está presente no fato de que um afeto só pode ser dominado ou enfraquecido por outro afeto e, a segunda, sobre encarar os afetos como elementos necessários e constitutivos da vida.

Se somente um afeto pode comandar e reger outro afeto é possível refrear ou enfraquecer alguns deles. Utilizar as diversas perspectivas fornecidas pelos afetos, pois até mesmo um afeto considerado prejudicial em certo momento pode ser benéfico.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTANIER, Jean-Michel. **Vocabulário latino da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GIACÓIA, Oswaldo. **Nietzsche: psicofisiologia e terapia dos afetos em Nietzsche**. In: Encontro do GT Nietzsche da ANPOF. Pelotas. 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. Um livro para espíritos livres. Volume I. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

\_\_\_\_\_**Genealogia da Moral**. Uma polêmica. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

\_\_\_\_\_**O anticristo**. Maldição ao cristianismo. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_**Digital e Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe (eKGWB)**. (Digital critical edition of the complete works and letters, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, Berlin/New York, de Gruyter 1967, edited by Paolo D'Iorio). In: <http://www.nietzschesource.org>. Acesso: em várias datas de 2020.

\_\_\_\_\_**Obras Incompletas**. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril cultural, 2000. (Coleção os pensadores).